

JORNADA DUPLA FEMININA NA GESTÃO DE MICRO EMPREENDIMENTOS INDIVIDUAIS NO MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

Julia Silva de Paula¹, Lívia Borges da Cruz², Maria Eduarda Rodrigues Firmino³, Nathalia de Rossi Ferreira⁴, Yasmin Vitória dos Santos Mendes⁵, Thainá dos Santos Mendes⁶

Resumo: Este estudo investiga os impactos dupla jornada de trabalho na gestão de microempreendimentos femininos em Itaquaquetuba. Através de um estudo qualitativo, que incluiu levantamento demográfico, aplicação de questionários a 64 empreendedoras e análise documental, a pesquisa identificou que a sobrecarga doméstica é o principal entrave ao desenvolvimento dos negócios locais. Os resultados indicam que, embora as mulheres representem 43,25% dos MEIs na região, 56,3% enfrentam dificuldades críticas na conciliação entre vida familiar e profissional. Conclui-se que a ausência de redes de apoio e a persistência de estruturas de gênero desiguais limitam o crescimento estratégico e o bem-estar das empreendedoras, evidenciando a necessidade de políticas públicas voltadas para a divisão equitativa do trabalho de cuidado.

Palavras-chave: desigualdade de gênero; dupla jornada; empreendedorismo.

1 Graduada em Administração pela Anhanguera.

2 Graduada em Estética e Cosmética pela UNICID.

3 Graduada em Administração pelo Centro Braz Cuba.

4 Graduada em Publicidade e Propaganda na Universidade Cruzeiro do Sul.

5 Graduada em Psicologia pela Universidade Cruzeiro do Sul.

6 Graduada em Administração pela FMU, em Marketing pela Unicid, Mestre em Administração pela FEI, pós-graduada em Ciências Sociais e o Mundo do Trabalho pela UFPI. Docente no Centro Paula Souza.

DOUBLE SHIFT FOR WOMEN IN THE MANAGEMENT OF INDIVIDUAL MICRO-ENTERPRISES IN THE MUNICIPALITY OF ITAQUAQUECETUBA

Abstract: This study investigates the impacts of the double workload on the management of women's micro-enterprises in Itaquaquetuba. Through a study qualitative-quantitative methodology, which included demographic research, questionnaires administered to 64 female entrepreneurs, and document analysis, the research identified that domestic overload is the main obstacle to the development of local businesses. The results indicate that, although women represent 43.25% of micro-entrepreneurs in the region, 56.3% face critical difficulties in reconciling family and professional life. It concludes that the absence of support networks and the persistence of unequal gender structures limit the strategic growth and well-being of female entrepreneurs, highlighting the need for public policies aimed at the equitable division of care work.

Keywords: gender inequality; double shift; entrepreneurship.

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, mulheres dedicaram o dobro do tempo, quando comparado a homens, ao cuidado de pessoas e afazeres domésticos, sendo 21,4 horas semanais para 11 horas.

A partir de dados como esse, é possível a percepção sobre a desigualdade de gênero presente na jornada de trabalho, junto ao acúmulo de tarefas domésticas. No município de Itaquaquetuba, o empreendedorismo cresce cada vez mais. Em dados apresentados no site da Prefeitura Municipal de Itaquaquetuba, as microempreendedoras do município estão em busca do destaque e sobrevivência nas áreas que escolheram empreender, mesmo com os conflitos que toda empreendedora vivência como a jornada trabalho×família, família×trabalho. O empreendedorismo feminino teve um grande crescimento nos últimos anos, e com a ênfase apresentada no tópico, é importante analisar problemas cotidianos, além das questões trabalhistas, para verificar como apoiar futuras empreendedoras e a sociedade. As mulheres enfrentam desafios como a dupla jornada (trabalho e cuidados domésticos), desigualdade de gênero, sobrecarga de tarefas, e a invisibilidade do trabalho de cuidado, o que gera impactos psicológicos e físicos.

A discussão inclui a necessidade de um marco legal que reconheça esses direitos, além de incentivar políticas públicas. A relevância do tema foi destacada no ENEM 2023, que abordou a invisibilidade do trabalho de cuidado feminino no Brasil. Segundo os estudos de Jonathan (2005) e de Rocha-Coutinho (2003), empreendedoras relacionam realização profissional, maternidade, relacionamento afetivo estável com um (a) parceiro (a) e autocuidado feminino atribuindo igual importância entre eles, onde aparentam abandonar a ideia

de que, segundo o autor, “sucesso em uma dimensão da vida signifique, necessariamente, fracasso nas demais”.

Ao observar essas informações iniciais, assim como a análise da relevância do presente tema, foi possível chegar a seguinte pergunta: “Quais são as adversidades enfrentadas por uma microempreendedora ao conciliar o âmbito profissional com a vida pessoal?”. O objetivo central dessa pesquisa é investigar e evidenciar os desafios enfrentados por mulheres que estão vivenciando o empreendedorismo e analisar como as demandas familiares e pessoais, tais como cuidar das tarefas domésticas, filhos, casamento e autocuidado influenciam o seu papel, desempenho e sucesso como donas de seus próprios negócios. Além disso, o estudo se propõe a analisar possíveis ações a serem realizadas para auxiliar mulheres em dupla jornada, seja em demandas do lar e demandas profissionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho

O interesse em estudar a inserção feminina no mercado de trabalho justifica-se por diversos fatores, como o profundo impacto nas relações sociais, e a persistência da desigualdade e discriminação de gênero no ambiente organizacional (Borges; Santos; Pereira, 2005; Cardoso, 2022; Silva *et al.*, 2025). Uma das origens iniciais da inserção da mulher no mercado de trabalho foram as grandes guerras do séc. XX, onde a necessidade de mulheres trabalharem além de seus trabalhos domésticos se fez presente, levando em consideração a presença e convocação de homens nas grandes guerras, ocasionando em uma ausência da presença masculina nas relações familiares e em suas próprias casas.

No Brasil, a inserção da mulher no mercado de trabalho é um fenômeno presente dentro da classe média urbana, visto que mulheres pobres, principalmente em ambientes rurais, precisavam trabalhar, seja no auxílio ao trabalho agrícola ou dentro do contexto doméstico. E sem direitos trabalhistas, como carteira de trabalho assinada, por exemplo. A inserção também se dá à necessidade de mulheres se tornarem as chamadas “chefes da família”, já que muitas não tinham um companheiro, marido ou um pai como apoio, não sendo a totalidade dos casos, mas sendo frequente (Carvalho, 2023).

Esse movimento de transição, em que a mulher de classe média troca o ambiente doméstico pela oportunidade acadêmica e profissional, encontra paralelo nas análises de Giuliani (2004). A autora destaca que essa mobilização não se restringiu aos centros urbanos, evidenciando que mulheres do meio rural também desenvolveram uma percepção crítica sobre a divisão sexual do trabalho e suas implicações sociais.

Borges, Santos e Pereira (2005) também comentam que com a ascensão e evolução das mulheres no mercado de trabalho, as características foram se alterando, onde passaram a ocupar cargos e postos de trabalho, anteriormente vistos como masculinos.

2.2 Desigualdades de Gênero

Desigualdade de gênero, sexismo e dominação masculina, dentre outros termos são características de uma sociedade patriarcal. Alvarenga *et al.* (2022) aponta que o processo de “caça às bruxas” do período colonial se atualiza no encarceramento massivo de mulheres negras, na sub-representação das mulheres nos meios de comunicação, nas violências no sistema de saúde, na violência policial e na experiência cotidiana de perseguição, silenciamento, agressão e invisibilização das mulheres trans, travestis e prostitutas, entre tantos paralelos essenciais.

Sueiro (2021) em sua pesquisa, teve por objetivo levantar e analisar a produção científica do período de 1987 a 2020 sobre patriarcado na administração, mapeando teorias, métodos, tipologias e demais aspectos que pudesses sintetizar e esclarecer o que há no campo científico sobre o patriarcado. Observou-se que a quantidade de artigos encaminhados para as áreas de conhecimento, atualmente, vem se expandindo e abrindo novas perspectivas de ampliação do conhecimento, visto que o número de artigos publicados pulou de 4 em 2018 para 19 em 2019.

Pesquisadores ainda investigam os obstáculos à igualdade de condições entre os gêneros, reforçando a necessidade de uma análise interseccional para alcançar resultados emancipatórios. A discriminação de gênero é uma violação de direitos humanos e princípios do trabalho. Contudo, apesar do aparato legal nacional e internacional voltado à promoção da equidade e ao combate à segregação, a falta de paridade de gênero continua sendo uma realidade persistente que as leis sozinhas não conseguiram reverter (Milani; Cordeiro; Ferreira, 2024).

2.3 Dupla Jornada de Trabalho da Mulher

A dupla jornada de trabalho está diretamente ligada com a relação trabalho família, sendo algo presente na vida de mulheres, conforme observado na “Síntese de Indicadores Sociais (SIS) - Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014”, arquivo publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostra que 88% das mulheres brasileiras ocupadas, com idade a partir de 16 anos, realizam afazeres domésticos, quase o dobro do percentual de homens, que é apresentado em 46%.

Entre outros dados apresentados na “Síntese de Indicadores Sociais (SIS) - Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014”, é possível destacar que as mulheres, ao considerar a jornada de trabalho com

a realização de afazeres domésticos, obtém uma jornada semanal total de 56,4 horas, um valor que detém a superioridade de quase 5 horas quando comparada à jornada masculina (51, 6 horas). Muito também se observa a partir das pesquisas realizadas sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, assim como as mudanças e direitos ligados à condição feminina, onde foi observado o fenômeno das chamadas “chefes de família”.

Esse fenômeno manifesta-se quando mulheres, na ausência de uma figura masculina provedora, ingressam no mercado de trabalho enquanto permanecem como as principais responsáveis pelo cuidado doméstico e familiar. Trata-se da complexa conciliação entre as demandas profissionais e a gestão da casa e dos filhos, evidenciando o acúmulo de funções que recai sobre o público feminino.

Esse fator histórico também é apresentado no livro “Histórias das Mulheres do Brasil”, onde Silva (2004) comenta sobre a vida de mulheres colonas e suas histórias, comentando que, com a transferência do regime de colonato para o assalariamento, as mulheres foram inseridas também na dupla jornada de trabalho, visto que mulheres continuaram sendo responsáveis por todo trabalho doméstico em suas casas e cuidados com outros membros da família, realizado ao longo de uma jornada acentuada, ressaltando também a rotina dessas mulheres, que não tinham tempo para lazer e outras tarefas.

Se em um período anterior, as pessoas viam o trabalho doméstico e as tarefas relacionadas aos seus lares como algo a ser realizado por mulheres, atualmente as mulheres lutam pela igualdade de direitos, chegando a gerar conflitos dentro de sua própria família e relações (Silva, 2019). Mulheres ainda são incumbidas a realizarem tarefas relacionadas ao âmbito doméstico, e no que se acredita serem atividades produtivas mais desvalorizadas e precarizadas do sistema capitalista, levando-as a cárem num conceito conhecido como “cilada de igualdade”.

O conceito implica na procura e desempenho de mulheres quanto ao mercado de trabalho, buscando a realização de atividades com empregos e salários parecidos com de homens, mas no âmbito pessoal, continuam responsáveis por toda ou a maior parte das tarefas a serem realizadas em casa, bem como suas relações e cuidados com a família. Ainda Siqueira (2016) apresenta em seu estudo que, desde que as mulheres entraram no mercado de trabalho, elas já estavam condicionadas a dupla jornada de trabalho. Também apresenta que as chamadas tarefas domésticas eram definidas, em certa época, por uma sociedade com predominância patriarcal, demonstrando a existência evidente da divisão sexual do trabalho.

Ou seja, o crescimento e desenvolvimento das mulheres no mercado de trabalho despontou a dupla jornada de trabalho feminina, caracterizada pela atuação das mulheres em sua vida profissional, ao mesmo tempo em que atuam como mães, responsáveis familiares e pelos seus lares (Araújo; Freitas; Souza, 2021).

2.4 Mulheres Empreendedoras

O conceito da essência da palavra “empreendedor” varia de acordo com a visão de inúmeros autores que estudam acerca do tema, como Schumpeter (1982) e Baggio e Baggio (2014), entre outros. Porém, algo indubitável e que se encontra presente em diversos artigos e obras é a relação entre o empreender e a aptidão para inovar. No atual cenário brasileiro de mudanças sociais, políticas e econômicas que impactam no mercado de trabalho, juntamente com o empreendedorismo feminino mundial crescendo exponencialmente a cada dia, inovações criativas e reestruturação produtiva são peças-chave na temática.

Tal contexto acarreta a necessidade de estudos mais detalhados sobre o cenário futuro do empreendedorismo feminino, além da criação de programas que ofereçam informações para o direcionamento de suas carreiras. Instruções sobre inovação, administração e equilíbrio entre vida profissional e pessoal são essenciais para alavancar esses negócios. Assim, as empreendedoras contribuem não apenas para a geração de empregos e o fortalecimento da economia, mas também para a diversidade dentro do processo econômico. No que diz respeito ao perfil empresarial feminino e masculino, ambos possuem abordagens distintas de iniciar, desenvolver, estruturar e administrar tanto suas empresas, quanto seus produtos, além da diferença em seus objetivos, o que agrega não somente na diversidade, como na competitividade saudável econômica que fomenta a economia global o empreendimento. De uma forma geral, também possui sua importância em processos de desenvolvimento social e econômico por permitir o surgimento e crescimento de novas tecnologias, produtos e serviços (Seabra, 2003).

O empreendedorismo feminino apresenta características culturais, econômicas, psicológicas, sociais e até mesmo ambientais, tratando-se de um conceito de natureza multidisciplinar (Merhy, 2017). A literatura mostra o empreendedorismo, através de diversas percepções e definições e, entretanto, essa diversidade de definições tem algo em comum, a relação entre o empreender e a aptidão para inovar – a qual está ligada ao conceito de desenvolvimento (Merhy, 2017).

Mandelbaum (2019) diz que uma das origens iniciais da inserção da mulher no mercado de trabalho foram as grandes guerras do século XX, onde houve a necessidade de mulheres trabalharem além de suas tarefas domésticas devido à ausência masculina em seus lares, consequência da convocação deles para a participação nos combates das grandes guerras. Após este episódio e por almejarem uma ascensão no mercado de trabalho, comprovou-se que a taxa de fecundidade diminuiu, visto que de certa forma, os cuidados com o lar atrasavam ou até mesmo impediam a mulher de evoluir na carreira, o que engloba a temática da dupla jornada de trabalho feminina. Uma nova fase no qual a economia se expandiu e, por esse motivo, as mulheres foram novamente recrutadas para o trabalho, mas diferentemente, começaram a questionar sobre

sua participação no mercado. Em 1970, as mulheres começaram a ganhar espaço em setores historicamente masculinos, realizando as mesmas atividades que os homens, mas recebendo salários inferiores (Kanan, 2010, p. 248).

Dessa forma, com a demanda de mão de obra feminina, coube à mulher se especializar mais, o que desencadeou uma ação em que a cultura patriarcal começou lentamente a ceder espaço para a inserção das mulheres no século XX, agora escolarizadas, nos setores produtivos e de serviços. No entanto, o caminho percorrido para se chegar a um cargo de liderança, torna-se muito mais árduo.

Dolabela (1999) realça que é importante entender o empreendedorismo como algo absorvido por pessoas com diferentes graus de necessidades, motivo pelo qual, não existe uma fórmula que permita inferir o sucesso ou o fracasso profissional, do mesmo modo que não existem padrões psicológicos que possam definir o perfil do indivíduo empreendedor, em linha com a ideia de que determinados perfis crescem com a práxis. No que concerne ao fator gênero, os estudos apontam para uma menor probabilidade de sobrevivência das empresas criadas por mulheres (Lages, 2005; Bertolami *et al.*, 2018).

A explicação está diretamente ligada ao papel que as mulheres tradicionalmente desempenham na sociedade, dedicando-se exclusivamente ao cuidado do lar e das famílias, de modo que está em desvantagem pela lentidão em termos de inserção no mercado de trabalho, desigualdade dos níveis salariais, e a sua menor experiência em cargos de gestão e de administração que acabam por criar um menor nível de acumulação de capital humano. Esse seria um conjunto de atributos conquistados através de experiências e aprendizados empíricos que são adquiridos de diversas formas, tanto gerais como específicos (Baptista, 2021).

2.5 MEI - Mulheres empreendedoras em Itaquaquetuba

O Microempreendedor Individual (MEI) é constituído por um único proprietário. Essa forma de empreender é utilizada para formalizar o trabalho de pequenos empreendedores (GOV, 2022). De acordo com uma pesquisa realizada pelo Sebrae em 2022, “as mulheres representam 45% do total de Microempreendedores Individuais (MEIs) no país”. A opção de comandar o próprio negócio retém a atenção dessas mulheres, pois elas buscam a independência financeira e a flexibilidade de horários, assim é viável administrar com mais facilidade as demais funções atribuídas a elas.

O MEI (Microempreendedor Individual) é uma maneira de desviar da informalidade do empreendedorismo, sendo uma pessoa jurídica que trabalha por conta própria se tornando um pequeno empresário e o único dono de sua empresa (Nogueira, 2016; Vaclavik, 2022). Com o crescimento dos microempreendedores, as mulheres vêm tendo cada vez mais espaço e

visibilidade no empreendedorismo em Itaquaquecetuba, mostrando a sua flexibilidade para cumprir os diversos papéis de sua rotina e na sociedade.

Segundo os dados do site MAISMEI, existem 19.205 microempreendedores na cidade de Itaquaquecetuba, sendo eles 43,25% do público feminino e 56,75% do público masculino. Esses dados mostram o quanto as mulheres estão se desenvolvendo e conseguindo a sua independência financeira e tendo maior facilidade para lidar com as adversidades de sua rotina, administrando os seus horários para cumprir as tarefas diárias, se dividindo em vida particular e profissional.

Estudos realizados por Barbosa *et al.* (2021) afirmam que as mulheres empreendedoras exercem múltiplos papéis, o que aumenta a possibilidade de esgotamento de recursos físicos e mentais, elevando as chances de desenvolverem problemas nas relações pessoais e dificuldades para alcançarem o sucesso no empreendedorismo. A realização das tarefas domésticas ainda recai de forma mais intensa sobre o gênero feminino.

Além das funções domésticas, os cuidados com os filhos também são vistos como responsabilidade das mulheres (Shaukat *et al.*, 2017). No entanto, muitas mães indicaram em um estudo que os filhos são uma forma de incentivo para iniciar ou continuar na jornada empreendedora. Contudo, a necessidade de dedicar tempo à família faz com que elas reduzam o tempo investido no aprimoramento profissional (Barbosa *et al.*, 2021).

3 METODOLOGIA

O método utilizado para realização de estudos do presente trabalho se baseia em abordagens de teor quali-quantitativo. Os estudos realizados buscam identificar as principais complexidades envolvidas ao tema e suas vertentes, bem como a identificação dos resultados de forma estatística ao prever certos resultados e, a partir da coleta de dados numéricos e semelhantes, medir as variáveis existentes no tema abordado.

De acordo com Neves (1996) e De Araújo, Gomes e Lopes (2012), as pesquisas qualitativas são um conjunto de técnicas interpretativas que procuram expressar e descrever os sentidos de fenômenos do mundo social. A pesquisa qualitativa segue por uma vertente considerada antipositivista, que visa a interpretação dos dados, bem como as variáveis situações e relações presentes.

Ou seja, a pesquisa qualitativa não tem como foco a produção de dados numéricos, mas sim o estudo das possibilidades de forma a entender as relações sociais em diversos ambientes. O método quali-quantitativo relaciona abordagens do método qualitativo com o método quantitativo. Sendo assim, é possível observar que ao mesclar os dois métodos, a coleta de dados numéricos e estatísticas podem auxiliar as análises interpretativas e o estudo das relações sociais (Mocarzel; Rangel; Rodrigues, 2018).

A escolha das pesquisas qualitativas e quantitativas foi extremamente relevante para a agregação de dados no presente trabalho, pois ampliou as informações obtidas sobre o público-alvo das pesquisas. Segundo Minayo (2002), a análise dos resultados dos estudos quantitativos e qualitativos complementa o projeto, auxiliando no desenvolvimento de conclusões. Para explicar e descrever a forma de coleta de dados, este estudo utilizou uma abordagem mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos.

3.1. Estudo 1 - Empreendedoras em Itaquaquetuba

3.1.1. Amostra

A composição do perfil demográfico baseou-se no levantamento de dados secundários em bases de dados oficiais e plataformas de inteligência de mercado. Foram consultados o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Câmara Municipal de Itaquaquetuba, o Data MPE Brasil e o portal Maismei. O corpus de análise consistiu exclusivamente em dados quantitativos referentes à população geral e ao contingente de microempreendedores locais.

3.1.2. Procedimento

O presente estudo teve como principal objetivo coletar informações sobre os dados demográficos do município de Itaquaquetuba, com ênfase nas mulheres microempreendedoras da região. A coleta de dados foi efetivada por meio de páginas virtuais que forneciam informações confiáveis, com destaque para sites governamentais. Os conhecimentos adquiridos permitiram ao grupo desenvolvedor do projeto delimitar a área de pesquisa de campo, identificando a concentração do público-alvo na cidade.

3.1.3. Resultados

- Câmara Municipal de Itaquaquetuba

No website em questão, foram explorados dados sobre a população geral da cidade de Itaquaquetuba, que era de 272.942 habitantes no ano de 2000 e de 321.770 em 2010. Também foram observadas informações referentes à população feminina do município, que contava com 136.729 mulheres em 2000 e 163.257 em 2010.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Pesquisas realizadas pelo IBGE em 2022 e divulgadas no portal online confirmaram que a população de Itaquaquetuba era de 369.275 habitantes.

- Data MPE Brasil

De acordo com os dados da Receita Federal do Brasil (RFB), do total de estabelecimentos com registro em Itaquaquetuba até 2024, 65,4%

correspondem a Microempreendedores Individuais (MEI), totalizando 20.513 estabelecimentos.

- Maismei

O site em questão foi o que mais contribuiu para este estudo, pois apresentava informações específicas sobre os microempreendedores individuais (MEIs) em Itaquaquecetuba. Foram coletados os seguintes dados: dos 20.513 microempreendedores individuais de Itaquaquecetuba, 43,25% são mulheres e 56,75% são homens; a idade média na cidade é de 39 anos. Meios de atuação dos microempreendedores individuais na cidade de Itaquaquecetuba:

- 42,8% atuam em estabelecimento fixo;
- 19,4% em porta a porta, postos móveis ou como ambulantes;
- 16,2% pela internet;
- 12,1% em local fixo, fora da loja;
- 5,1% em tele vendas;
- 3,2% pelos correios;
- 1,2% por meio de máquinas automáticas

3.1.4. Discussão

Os resultados obtidos no Estudo 1 foram fundamentais para situar o projeto dentro da realidade socioeconômica de Itaquaquecetuba. A análise permitiu identificar que, embora o público masculino ainda seja majoritário (56,75%), há uma presença feminina robusta e consolidada no ecossistema MEI da cidade. Observou-se, contudo, que os dados secundários cumprem uma função estritamente macroestrutural. Embora tenham sido essenciais para a delimitação da área de pesquisa de campo, não puderam ser validadas ou refutadas nesta etapa. Isso ocorre porque as bases consultadas fornecem um panorama demográfico e estatístico, sem adentrar nas nuances pessoais e nos desafios específicos enfrentados pelas empreendedoras. Portanto, os achados deste estudo servem como base estatística para a investigação qualitativa subsequente.

3.2. Estudo 2 - Levantamento com Mulheres Empreendedoras e Futuras Empreendedoras

3.2.1. Amostra

Amostra: n = 64 mulheres de Itaquaquecetuba

A amostra deste trabalho foi composta por empreendedoras ativas no estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Itaquaquecetuba. Para a coleta de dados, foi elaborado um formulário, disponível de forma online, que

abordou diversas questões relacionadas ao tema “Jornada Dupla Feminina na Gestão de Empreendimentos no Município de Itaquaquecetuba”.

O formulário foi enviado para mulheres que se encontravam no ramo ou que tinham a intenção de entrar, por meio da rede social WhatsApp, garantindo que o alcance e a facilidade de se obter repostas fossem maiores. A amostra foi composta por 64 participantes, com idades variando majoritariamente entre 36 e 45 anos.

3.2.2. Procedimentos

Para a coleta de dados por meio do formulário feito nesse trabalho, foram elaborados e divulgados formulários online com o objetivo de obter informações de microempreendedoras mulheres. O processo se iniciou com a criação de um questionário estruturado, que abordou temas como desafios enfrentados, motivação para o empreendedorismo, rede de apoio, entre outros assuntos abordados e especificados dentro deste estudo.

Após a realização de pesquisas para a formulação de perguntas pertinentes incluídas no questionário, revisão e aprovação, a divulgação foi realizada por meio da rede social WhatsApp, onde foi pedido que as respondentes também divulgassem para outras pessoas.

As perguntas foram diversas, buscando obter tanto dados demográficos, quanto perguntas mais diretas sobre o tema, afim de obter resposta mais afuniladas para a compreensão do cenário atual e dos desafios específicos enfrentados por todas as mulheres que decidem adentrar esse mercado e seus desafios, cujas perguntas foram:

1. Nome Completo
2. Idade
3. Escolaridade
4. Você já considerou iniciar seu próprio negócio?
5. Se sim, qual foi a sua principal motivação?
6. Quais são as principais dificuldades que você enfrentou ou enfrenta ao tentar iniciar seu próprio empreendimento?
7. Como você avalia o apoio disponível para mulheres empreendedoras em sua comunidade ou país?
8. Além do seu empreendimento, você tem um trabalho efetivo remunerado ou outras responsabilidades que exigem seu tempo?
9. Como você descreveria suas responsabilidades em casa? (Ex: tarefas domésticas, cuidado com crianças/idosos etc.)
10. Quais estratégias você utiliza para conciliar suas responsabilidades em tarefas domésticas e o trabalho?

11. Você sente que a dupla jornada de trabalho afeta suas oportunidades de sucesso como empreendedora? Por quê?

12. Que tipo de suporte ou recursos você acha que seriam mais úteis para mulheres que desejam empreender e lidar com a dupla jornada de trabalho?

13. Você já buscou alguma forma de apoio para conciliar suas responsabilidades domésticas com o empreendedorismo?

14. Caso tenha respondido “Sim” para a pergunta anterior, qual foi sua experiência?

15. O que você espera alcançar principalmente no futuro como empreendedora?

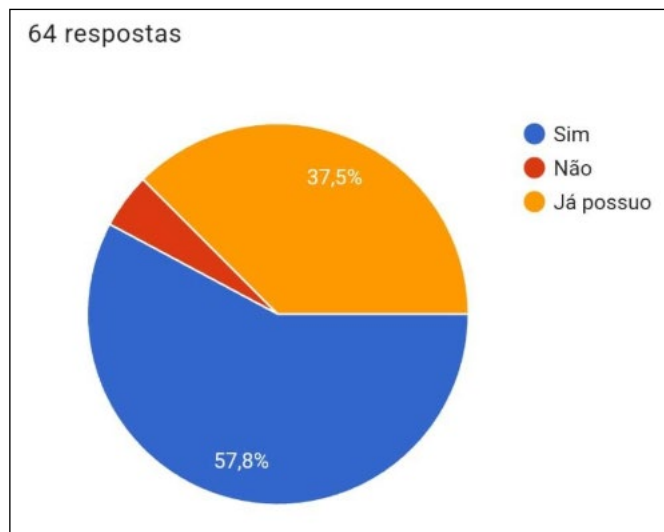
16. Quais são seus planos para lidar com os desafios da dupla jornada de trabalho enquanto empreendedora?

17. Existe alguma outra informação ou experiência que você gostaria de compartilhar sobre este tema? Se sim, qual?

3.2.3. Resultados

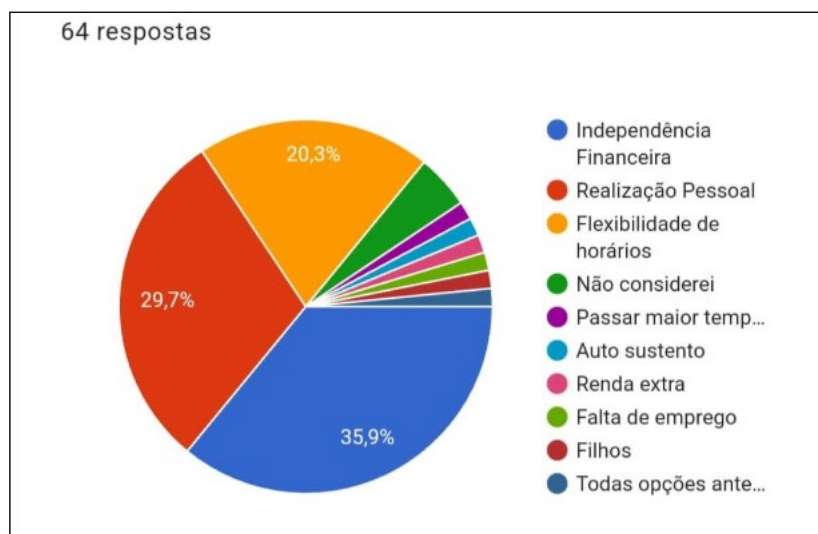
Abaixo, apresentamos gráficos com as perguntas e percentuais de respostas:

Gráfico 1 – “Você já considerou iniciar seu próprio negócio?”



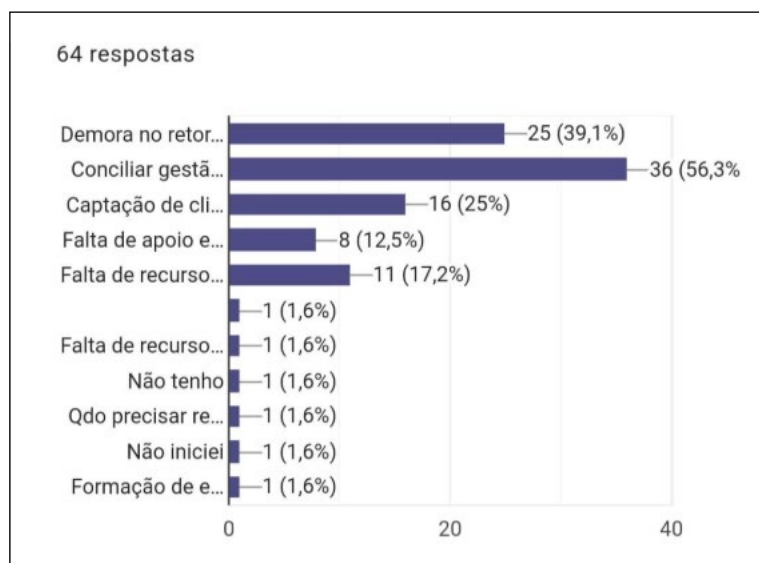
Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 2 – “Se sim, qual foi sua principal motivação?”



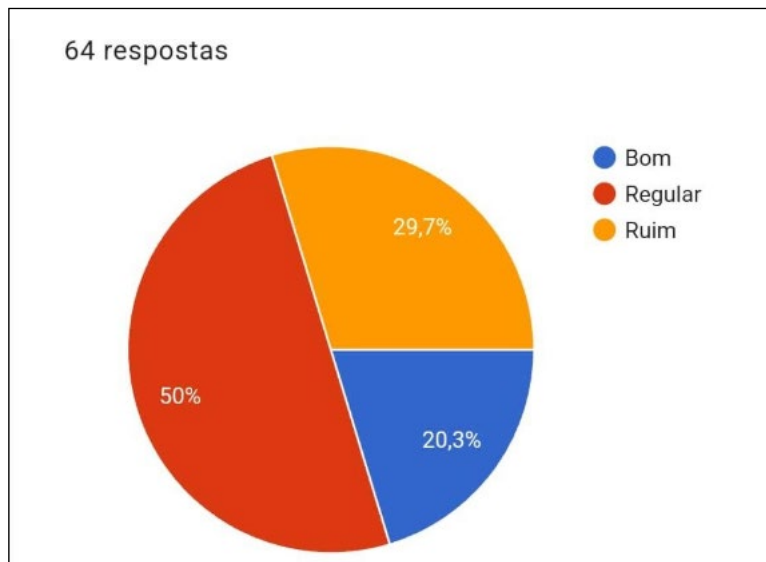
Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 3 – “Quais são as principais dificuldades que você enfrentou ou enfrenta ao tentar iniciar seu próprio empreendimento?”



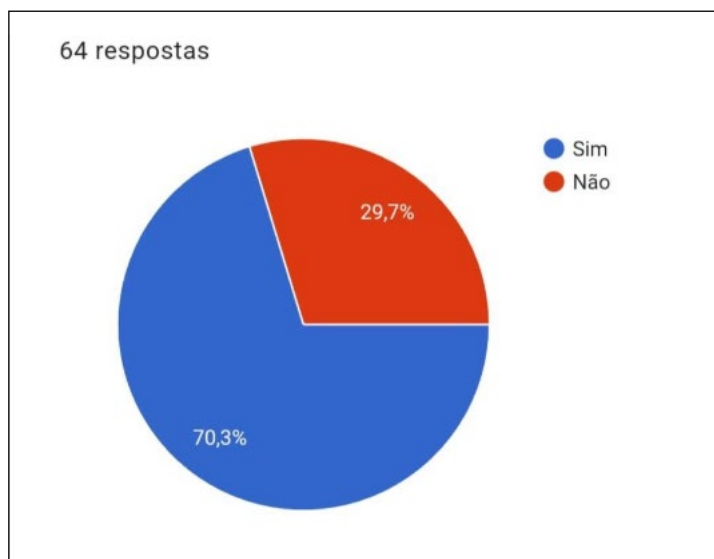
Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 4 – “Como você avalia o apoio disponível para mulheres empreendedoras em sua comunidade ou país?”



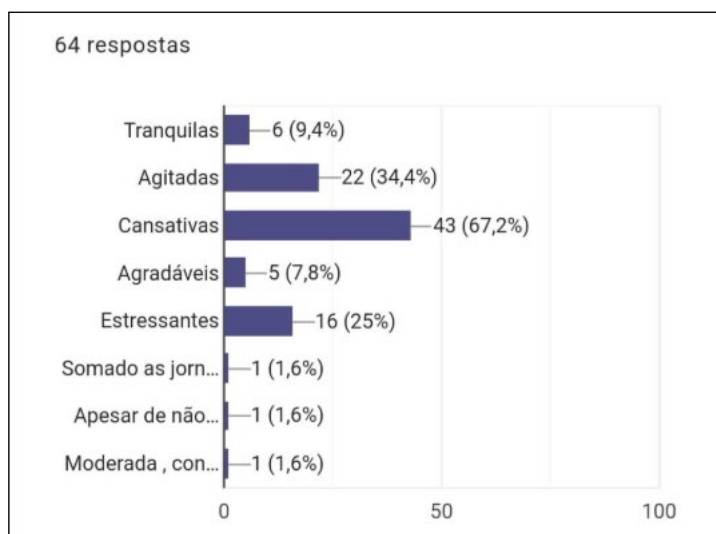
Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 5 – “Além do seu empreendimento, você tem um trabalho efetivo remunerado ou outras responsabilidades que exigem seu tempo?”



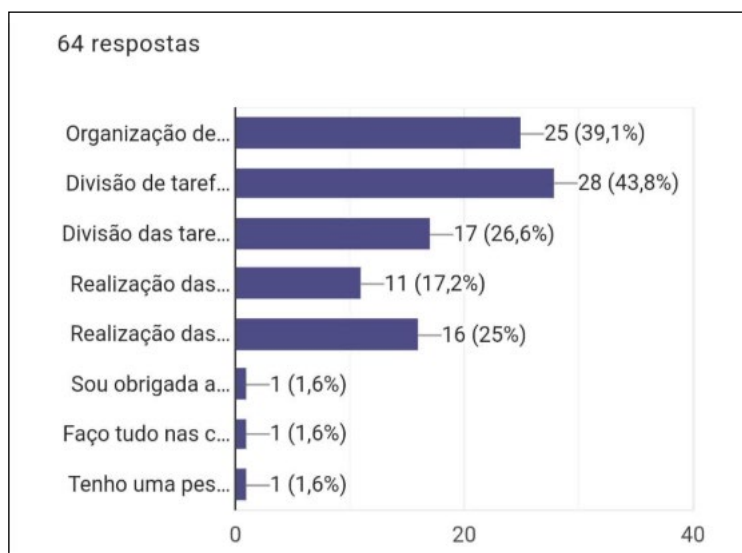
Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 6 – “Como você descreveria suas responsabilidades em casa?”



Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 7 – “Quais estratégias você utiliza para conciliar suas responsabilidades em tarefas domésticas e o trabalho?”



Fonte: Elaborada pelas autoras

As perguntas divulgadas nos gráficos acima foram de múltipla-escolha, para que se pudesse ter um panorama geral e resumido das principais informações. Entre as principais motivações para empreender, as mulheres citam em sua maioria a independência financeira (35,8%), realização pessoal (29,7%) e flexibilidade de horários (20,3%). Entre as principais dificuldades mencionadas, estão a falta de apoio (12,5%), falta de recursos (17,2%), a demora no retorno do investimento (39,1%) e a dificuldade de conciliar a gestão do negócio com a gestão familiar (56,3%). Sobre a percepção do apoio disponível para empreendedoras, 50% avaliaram como regular, 29,7% como ruim e somente 20,3% como bom. Além disso, 70,3% das respondentes mencionaram que possuem outras ocupações, além do empreendimento. Para descrever a rotina de casa, chama a atenção que 67,2% mencionam ser “cansativa”, e 34,4% “agitada”, seguida de 25% que mencionam “estressantes”. Apenas 9,4% descrevem como “tranquila”. Por fim, como estratégias para conciliar a rotina de casa com a rotina de trabalho, a divisão de tarefas se faz necessária, assim como organização do lar. A descrição da rotina como “cansativa” (67,2%) e “estressante” (25%) confirma que a flexibilidade de horários (citada por 20,3% como motivação) é, muitas vezes, uma “armadilha”: a mulher busca flexibilidade não para descansar, mas para conseguir encaixar as tarefas domésticas que o mercado de trabalho tradicional não permite. E o empreendedorismo feminino no Brasil está longe de ser uma atividade isolada, pois ele é acumulado com empregos formais e, invariavelmente, com o trabalho doméstico.

A percepção de apoio é majoritariamente negativa (79,7% entre ruim e regular). Isso sugere que as iniciativas atuais (bancos, cursos, editais) podem estar focadas apenas no lado técnico (como abrir um CNPJ) e negligenciando o lado humano e social (creches, redes de apoio, divisão de tarefas). Para a mulher, o sucesso do negócio depende diretamente da eficiência da gestão doméstica. Se a casa não está organizada ou as tarefas não são divididas, o negócio sofre. Há uma transferência de competências de gestão: a mulher aplica métodos organizacionais em casa para conseguir ser produtiva no trabalho.

Respostas da Pergunta 11 – “Você sente que a dupla jornada de trabalho afeta suas oportunidades de sucesso como empreendedora? Por quê?”

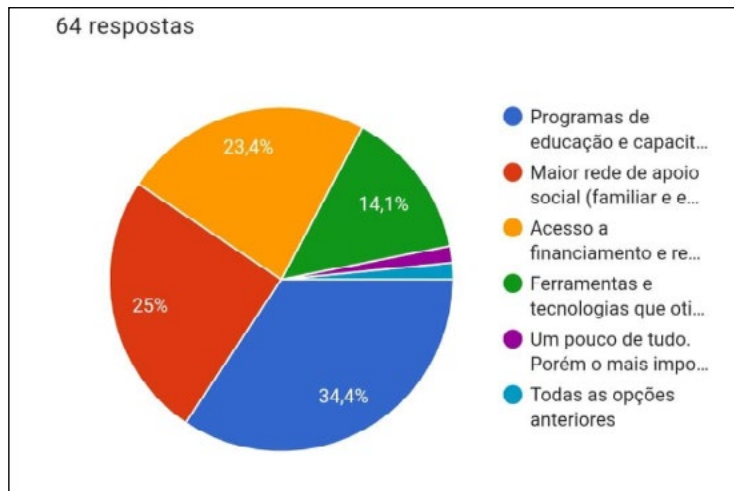
Quantidade de respostas: 64

A análise das respostas evidencia que a dupla jornada de trabalho é percebida majoritariamente como um fator limitante ao sucesso no empreendedorismo feminino. O principal elemento apontado é a falta de tempo, associada à sobrecarga de tarefas domésticas, cuidado com filhos e trabalho remunerado.

Essa escassez de tempo se articula a elevados níveis de cansaço físico e esgotamento mental, afetando diretamente a produtividade, a dedicação ao negócio e a capacidade de planejamento estratégico. Além disso, as respondentes destacam a dificuldade de investir em qualificação, inovação

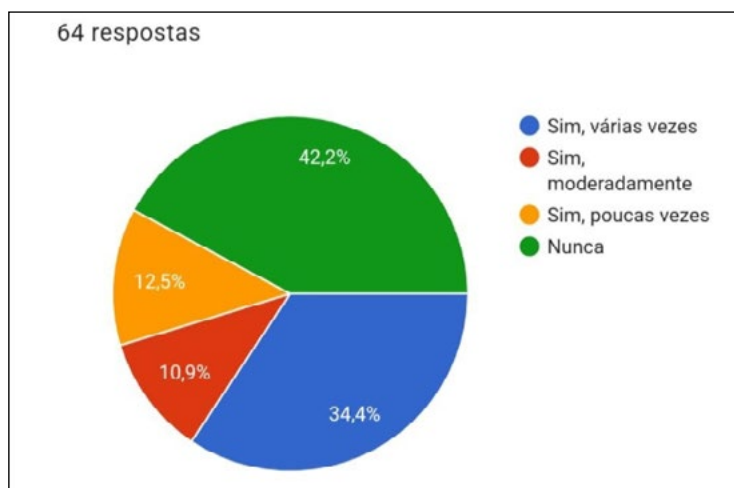
e busca por novas oportunidades, comprometendo o crescimento do empreendimento a longo prazo. Observa-se, contudo, que em casos nos quais há divisão de tarefas domésticas ou apoio familiar, o impacto da dupla jornada tende a ser atenuado, indicando que o efeito dessa sobrecarga não é uniforme, mas condicionado por arranjos familiares e redes de apoio.

Gráfico 8 – “Que tipo de suporte ou recursos você acha que seriam úteis para mulheres que desejam empreender e lidar com a dupla jornada de trabalho?”



Fonte: Elaborada pelas autoras

Gráfico 9 – “Você já buscou alguma forma de apoio para conciliar suas responsabilidades domésticas com o empreendedorismo?”



Fonte: Elaborada pelas autoras

Entre os tipos de suporte que mais gostariam de receber, 34,4% marcaram programas de educação e capacitação sobre empreendedorismo, 25% maior rede de apoio social, 23,4% acesso a financiamento e 14,1% acesso a financiamento. Sobre buscas de apoio, 34,4% já buscaram apoio em vários momentos, 42,2% nunca buscaram apoio, 12,5% buscaram, mas poucas vezes e 10,9% buscaram apoio de forma moderada. Em seguida, foram perguntadas, em questão aberta, sobre o processo de buscar apoio.

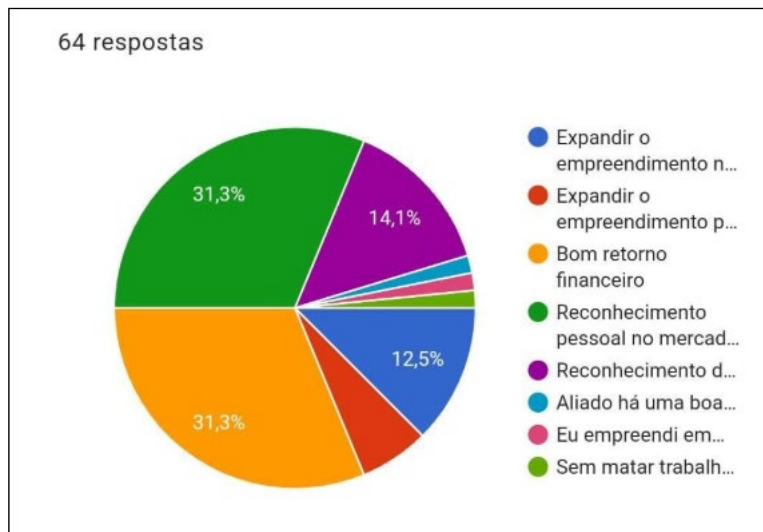
Respostas da Pergunta 14 – “Caso tenha respondido “Sim” para a pergunta anterior, qual foi a sua experiência?”

Quantidade de respostas: 54

As respostas à Pergunta 14 revelam que a experiência de buscar ou receber apoio para conciliar a dupla jornada de trabalho é, em grande parte, inexistente ou insatisfatória. Muitas participantes relatam não ter conseguido acessar qualquer forma de apoio, seja por não buscarem, por não encontrarem suporte disponível ou por vivenciar experiências consideradas ineficientes. Quando o apoio existiu, frequentemente foi descrito como cansativo, frustrante ou insuficiente, não sendo capaz de reduzir de forma significativa a sobrecarga cotidiana.

Em contrapartida, experiências positivas estiveram majoritariamente associadas ao apoio conjugal, à divisão efetiva das tarefas domésticas e à delegação, inclusive por meio de auxílio remunerado, evidenciando que o impacto da dupla jornada é atenuado quando há compartilhamento real das responsabilidades. Esses achados reforçam que o apoio ao empreendedorismo feminino está fortemente condicionado a fatores familiares, sociais e econômicos, revelando desigualdades no acesso a redes de suporte.

Gráfico 10- Respostas da Pergunta 15: O que você espera alcançar principalmente no futuro como empreendedora?



Fonte: Elaborada pelas autoras

Respostas da Pergunta 16 – “Quais são seus planos para lidar com os desafios da dupla jornada de trabalho enquanto empreendedora?”

Quantidade de respostas: 61

Os planos apresentados pelas respondentes para lidar com os desafios da dupla jornada de trabalho concentram-se, majoritariamente, em estratégias individuais de organização e gestão do tempo. A delegação de tarefas domésticas e a busca por apoio familiar ou remunerado também aparecem como alternativas relevantes, embora condicionadas à disponibilidade financeira e às redes de suporte.

Observa-se ainda que o crescimento do negócio e o alcance de maior retorno financeiro são percebidos como meios de reduzir ou eliminar a dupla jornada, evidenciando o empreendedorismo como possível estratégia de saída da sobrecarga. Entretanto, uma parcela expressiva das participantes declara não possuir planos definidos ou relata dificuldade em encontrar soluções eficazes, indicando insegurança e desgaste contínuo.

Esses achados reforçam que as estratégias adotadas tendem a individualizar a responsabilidade pela conciliação entre trabalho e vida doméstica, sem enfrentar de forma estrutural as desigualdades de gênero associadas à dupla jornada.

Respostas da Pergunta 17 – “Existe alguma outra informação ou experiência que você gostaria de compartilhar sobre este tema? Se sim, qual?”

Quantidade de respostas: 20

As respostas à Pergunta 17 indicam que, embora muitas participantes não tenham acrescentado novas informações, aquelas que o fizeram trouxeram reflexões relevantes sobre o empreendedorismo feminino e a dupla jornada de trabalho. O empreendedorismo é frequentemente percebido como instrumento de autonomia, independência financeira e realização pessoal, reforçando seu potencial emancipatório. Contudo, os relatos também evidenciam a centralidade da capacitação, do planejamento e da gestão do tempo como requisitos para a sustentabilidade do negócio.

Destaca-se ainda a presença de discursos de perseverança e resiliência, que convivem com narrativas mais críticas sobre a sobrecarga, o esgotamento e os impactos na saúde mental. Alguns depoimentos revelam que, mesmo com apoio familiar e retorno financeiro, a conciliação entre trabalho, maternidade e responsabilidades domésticas pode resultar em adoecimento emocional, levando à necessidade de pausas ou reavaliação do percurso empreendedor. O que reforça a complexidade do empreendedorismo feminino, marcado simultaneamente por potencial de autonomia e por limites estruturais associados à desigualdade de gênero.

3.2.4 Discussão

Cerca de 56,3% das mulheres entrevistadas afirmaram que a maior dificuldade em gerir seu próprio negócio é a dificuldade de conciliar as responsabilidades de seu empreendimento com as atividades do dia a dia.

Além desse dado, quando perguntado como era a rotina doméstica das mesmas, 67,2% responderam que era cansativa. Dessa forma, pôde-se constatar que a invisibilidade do trabalho de cuidado da mulher em seu lar, é uma das adversidades presentes, sendo derivada de problemas sistemáticos sociais e culturais assim como a sobrecarga de tarefas atreladas a mulheres influencia diretamente em seu bem-estar físico e emocional pois a jornada dupla, que combina trabalho enquadrado no regime CLT (ou parecido) com as responsabilidades domésticas, muitas vezes resulta em exaustão e falta tempo frequentemente por falta de uma rede apoio sólida e melhor distribuição de tarefas. Essa situação não só limita a capacidade de dedicação às suas atividades profissionais, como também prejudica o funcionamento de seus empreendimentos.

3.3. Estudo 3 – Iniciativas para Mulheres Empreendedoras 1

3.3.1. Amostra

O Estudo 3 analisou sete iniciativas (n = 7) voltadas ao fomento, capacitação e apoio ao empreendedorismo feminino no Brasil. As iniciativas selecionadas atuam em diferentes frentes, como gestão de negócios, capacitação técnica, apoio financeiro, investimento anjo, inovação, políticas públicas e fortalecimento de redes de apoio. Embora tenham abrangência nacional, o estudo priorizou iniciativas com atuação no estado de São Paulo, especialmente aquelas acessíveis a empreendedoras do município de Itaquaquecetuba, bem como programas com oferta digital, ampliando o alcance territorial.

As iniciativas analisadas foram: Sebrae Delas; Rede Mulher Empreendedora (RME) e Instituto Rede Mulher Empreendedora (IRME); Mulheres Investidoras Anjo (MIA); Feira da Mulher Empreendedora; Programa Mulheres Inovadoras (Finep/MCTI); Estratégia Nacional de Empreendedorismo Feminino – Elas Empreendem; e Itaú Mulher Empreendedora.

3.3.2. Procedimentos

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental em sites oficiais, portais institucionais e publicações públicas das iniciativas analisadas. Foram observados aspectos como: tempo de atuação, objetivos, tipos de projetos desenvolvidos, formas de execução, público-alvo e resultados divulgados. As informações coletadas foram organizadas, descritas e analisadas de acordo com as propostas e ações de cada iniciativa.

3.3.3. Resultados

Os resultados evidenciam que as iniciativas analisadas compartilham o objetivo comum de promover a autonomia econômica, a capacitação e o fortalecimento de empreendimentos liderados por mulheres, ainda que atuem por estratégias distintas.

O Sebrae Delas destaca-se pela qualificação técnica e socioemocional, networking e conteúdos estratégicos, apresentando resultados quantitativos expressivos, como aumento de faturamento, desenvolvimento de novos produtos e alta taxa de satisfação das participantes. A Rede Mulher Empreendedora (RME) e o IRME apresentam amplo alcance nacional, com forte atuação junto a mulheres em situação de vulnerabilidade social, oferecendo cursos, mentorias e programas gratuitos, além de resultados significativos em geração de renda e impacto social.

O MIA – Mulheres Investidoras Anjo atua no estímulo ao investimento anjo feminino e no apoio a startups lideradas por mulheres, embora não

apresente dados consolidados sobre resultados financeiros ou número de empreendimentos beneficiados. A Feira da Mulher Empreendedora, presente em Itaquaquecetuba, tem foco no fortalecimento da economia local e na visibilidade de negócios femininos, porém carece de dados sistematizados sobre seus impactos.

O Programa Mulheres Inovadoras, desenvolvido pela Finep e pelo MCTI, apresenta estrutura mais formalizada, com dados consistentes sobre inscrições, aceleração e premiação de startups lideradas por mulheres, combinando capacitação, mentorias e incentivo financeiro. Já a Estratégia Nacional de Empreendedorismo Feminino – Elas Empreendem, instituída em 2024, estabelece diretrizes e objetivos para políticas públicas voltadas ao empreendedorismo feminino, mas ainda não apresenta resultados mensuráveis de implementação. Por fim, o Programa Itaú Mulher Empreendedora se destaca pela ampla atuação digital, parcerias institucionais e alcance expressivo, com milhões de acessos e centenas de milhares de mulheres impactadas ao longo de sua existência.

3.3.4. Discussão

A análise das iniciativas revela que grande parte das ações de apoio ao empreendedorismo feminino ocorre por meio de plataformas digitais, o que amplia o alcance geográfico, mas pode representar uma barreira para mulheres com menor acesso à internet, baixa familiaridade tecnológica ou restrições de recursos. Ainda assim, observa-se convergência entre as iniciativas quanto ao incentivo à capacitação, ao fortalecimento da gestão dos negócios e à promoção da autonomia financeira das mulheres.

Isso evidencia que embora existam diversas iniciativas voltadas ao empreendedorismo feminino, muitas ainda apresentam limitações de divulgação, acessibilidade ou dependência de capital social e informacional prévio, o que pode dificultar o acesso de mulheres em contextos de maior vulnerabilidade. Por outro lado, programas como o Mulheres Inovadoras demonstram esforços de capacitação estruturada e apoio financeiro direto, indicando caminhos possíveis para reduzir desigualdades no acesso a oportunidades empreendedoras.

No entanto, uma mulher com rotina “cansativa” e “estressante” (como apontado nos dados do estudo 2) dificilmente terão tempo ou energia mental para navegar em plataformas digitais complexas ou participar de mentorias extensas. As iniciativas oferecem o “capital intelectual”, mas as empreendedoras não possuem o “capital tempo” para consumi-lo. Isso evidencia um paradoxo entre disponibilidade vs acessibilidade. Além disso, algumas iniciativas de maior impacto financeiro, como investimento anjo e aceleração, acabam beneficiando mulheres que já possuem alta escolaridade e redes de contatos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise conjunta dos resultados revela que o empreendedorismo feminino, no contexto estudado, opera sob uma lógica de resistência. Embora as iniciativas do Estudo 3 ofereçam ferramentas de gestão, os dados do Estudo 2 demonstram que a eficácia dessas ferramentas é limitada por barreiras estruturais. A pesquisa reforça que a desigualdade de gênero atua como um “teto de produtividade”. Enquanto a literatura de administração clássica foca na eficiência operacional, estes resultados indicam que, para mulheres, a eficiência é mediada pela gestão da esfera reprodutiva (lar e família). A teoria deve, portanto, incorporar o trabalho de cuidado como uma variável de desempenho organizacional.

Os dados de que 56,3% das mulheres lutam para conciliar as esferas e 67,2% vivem rotinas exaustivas provam que o empreendedorismo não é uma “cura” para a desigualdade, mas um espelho dela. A flexibilidade, muitas vezes vendida como benefício do empreendedorismo, revela-se uma “flexibilidade compulsória”, onde a mulher trabalha em horários alternativos não por escolha, mas para suprir a ausência de divisão de tarefas domésticas. O debate de gênero aqui transita da “igualdade de oportunidades” para a “igualdade de condições de execução”.

O fato de 79,7% avaliarem o apoio disponível como regular ou ruim sugere que as redes atuais são excessivamente tecnicistas. O fortalecimento do setor depende de mentorias que abordem a saúde mental, o esgotamento (burnout) e a criação de redes de cooperação feminina (como cooperativas de cuidado ou apoio mútuo), que atenuem a solidão da gestão.

O Estudo 3 revelou iniciativas majoritariamente digitais e técnicas. No entanto, os planos das mulheres para lidar com os desafios (Estudo 2) são puramente individuais. Há uma lacuna de políticas que tratem o empreendedorismo feminino como uma questão de infraestrutura social. Isso inclui ações como editais de fomento que prevejam auxílio para contratação de suporte doméstico ou cuidadores e políticas de incentivo à divisão equânime do trabalho doméstico por meio de campanhas de conscientização e educação básica. Somente através de políticas integradas que unam suporte técnico, rede de apoio social e infraestrutura pública será possível transformar o empreendedorismo de uma estratégia de sobrevivência em um motor real de emancipação e desenvolvimento econômico plural.

Embora o estudo cite a importância da ótica interseccional, a coleta de dados não permitiu um cruzamento estatístico profundo entre raça, classe social e níveis de escolaridade com a intensidade da dupla jornada, o que traria camadas ainda mais específicas de desigualdade, o que é uma limitação desse estudo. Portanto, sugerimos novos estudos sobre empreendedorismo feminino com suas interseccionalidades. Expandir a pesquisa para outras regiões do Brasil (Norte e Nordeste, por exemplo) para entender como as variações

culturais sobre o papel da mulher na família influenciam o desempenho empreendedor é outra sugestão de estudo futuro.

Em última análise, o sucesso do empreendedorismo feminino não pode ser medido apenas pelo faturamento ou pela inovação, mas pela capacidade da sociedade em remover o fardo invisível do cuidado, transformando a jornada dessas mulheres de uma estratégia de sobrevivência em um verdadeiro exercício de liberdade.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Ana França *et al.* Coletivo Sycorax: desdobramentos de práticas feministas de tradução. **Belas Infiéis**, v. 1, n. 2, p. 1-17, 2022.

ARAÚJO, Gizelda Rodrigues de. FREITAS, Josiane Machado Fagundes. SOUZA, Nayara Aryan Melo. O papel histórico da inserção da mulher no mercado de trabalho e sua dupla jornada. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 11, Vol. 04, pág. 76-97. Novembro, 2021.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2014.

BAPTISTA, Edvilma Janise André. **Empreendedorismo Feminino: Contribuições Para Uma Partilha Alargada de Oportunidades**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa (Portugal).

BARBOSA, Hávila Maria Abreu *et al.* Gerenciando o conflito trabalho/família no empreendedorismo feminino: evidências de um estudo com microempreendedoras individuais. **Revista de Gestão e Secretariado**, SP, v. 12, n. 2, p. 94-121, mai./ago. 2021.

BERTOLAMI, Mariana *et al.* Sobrevivência de empresas nascentes: influência do capital humano, social, práticas gerenciais e gênero. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, n. 3, p. 311-335, 2018.

BORGES, Waleska; PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos. **A mulher no mercado de trabalho**. II Jornada Internacional de Políticas Públicas, São Luís, MA, 23 a 26 de agosto 2005.

CARDOSO GUEDES DE SOUZA, L. Desigualdade de gênero e o equilíbrio entre trabalho e família: Resenha de Goldin, Claudia. *Career and Family: Women's Century-Long Journey toward Equity*. Princeton University Press, 2021. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 39, p. 1-6, 2022. DOI: 10.20947/S0102-3098a0219. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/2096>. Acesso em: 30 de jan. 2026.

CARVALHO, Nicolle Stefany Macedo. **Inserção das mulheres no mercado de trabalho: direitos e igualdade de gênero**. 2023.

DE ARAÚJO, Richard Medeiros; GOMES, Fabricio Pereira; LOPES, Alba de Oliveira Barbosa. Pesquisa em administração: qualitativa ou quantitativa?. **Revista Vianna Sapiens**, Juiz de Fora, MG, v. 3, n. 1, p. 151-175, jan./jun., 2012

DOLABELA, Fernando. **Empresa Emergente de base tecnológica**: Condições internas e ambientais de sucesso. IX Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e incubadoras de Empresas. Porto Alegre, 1999.

GIULANI, Paola Cappellin. **Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira**. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2004. Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira, n. 23, p. 536 - 558.

GOV.BR. **O que é MEI - Microempreendedor Individual? Quem pode ser MEI?**. Gov.br, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/ptbr/empreendedor/perguntas-frequentes/o-que-e-o-microempreendedor-individualmei/o-que-e-mei>. Acesso em: 30 de jan. 2026.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua**. IBGE, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2020_2tri.pdf. Acesso em: 21/08/2024.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais (SIS) – Uma análise das condições de vida da população brasileira 2014**. Edição 34. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=291983>. Acesso em: 30 de jan. de 2026.

KANAN, Lilia Aparecida. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Organizações & Sociedade**, v. 17, p. 243-257, 2010.

LAGES, Sônia Regina Corrêa; DETONI, Carolina; SARMENTO, Sandra Carrato. O preço da emancipação feminina: uma reflexão sobre o estresse gerado pela dupla jornada de trabalho. **Estação Científica**, v. 1, n. jul./dez., 2005.

MAIS MEI. **MEI - Microempreendedor Individual em Itaquaquecetuba-SP**. Disponível em: <https://www.maismei.com.br/mei-microempreendedor-individualitaquaquecetuba-sp>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MERHY, Stephanie Berón. **Gênero E Empreendedorismo No Mundo: Fatores De Influência Em Economias De Diferentes Continentes E Níveis De Rendimento**. 2017. Dissertação de Mestrado. Instituto Politecnico de Braganca (Portugal).

MILANI, Ana Maria Rita; CORDEIRO, Layne Mariela de Souza Santos; FERREIRA, Silvia Cardoso. Participação feminina no mercado de trabalho brasileiro e o trabalho doméstico não remunerado no período recente. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 26, 2024.

MINAYO, Maria Cecilia de S. & SANCHES, Odécio. QuantitativoQualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set, 1993.

MOCARZEL, Marcelo; RANGEL, Mary; RODRIGUES, Jéssica do Nascimento. Fundamentos e princípios das opções metodológicas: Metodologias quantitativas e procedimentos quali-quantitativos de pesquisa. **Revista Interdisciplinar de Ciências e Artes**, Rio de Janeiro, RJ, v. 02, p. 05-11, jun. 2018.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. **FEA-USP, Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, SP, v. 01, n. 03, 1996

NOGUEIRA, Mauro Oddo. **A problemática do dimensionamento da informalidade na economia brasileira**. Texto para discussão, 2016.

SÁ, Fernanda Josefina Silva de *et al.* Explorando a desigualdade de gênero nos estados brasileiros: construção e análise do Índice de Gap de Gênero. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 42, p. e0289, 2025.

SCHUMPETER, Joseph A. The "crisis" in economics-fifty years ago. **Journal of Economic Literature**, v. 20, n. 3, p. 1049-1059, 1982.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003.

SHAUKAT, Razia; YOUSAF, Amna; SANDERS, Karin. Examining the linkages between relationship conflict, performance and turnover intentions: Role of job burnout as a mediator. **International Journal of Conflict Management**, v. 28, n. 1, p. 4-23, 2017.

SILVA, Lisiana Lawson Terra da. Mulheres e o mundo do trabalho: a infundável dupla jornada feminina. **Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS**. Rio Grande, RS, vol. 3, n. 1, p. 120-130, jan-jun, 2019.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. De Colona a Boia-Fria. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004. De Colona a Boia-Fria, n. 20, p. 464 - 483.

SIQUEIRA, Osmarina Mota. **A dupla jornada de trabalho feminino: realidade, implicações e perspectivas**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

SUEIRO, Simone Grecco Sanches. O patriarcado como barreira no desenvolvimento do empreendedorismo feminino. **Revista Brasileira de Administração Científica**, v. 12, n. 2, p. 83-89, mar. 2021.

VACLAVIK, Márcia Cristiane; OLTRAMARI, Andrea Poletto; OLIVEIRA, SIDINEI ROCHA DE. Empresariando a informalidade: um debate teórico à luz da gig economy. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 20, n. 2, p. 247-258, 2022.